

POÉTICA DA INFÂNCIA

A criança não pensa nem melhor nem pior que o adulto; ela pensa de modo diferente. A nossa maneira de pensar é feita de imagens um pouco apagadas e de sentimentos empoeirados. A criança pensa com seus sentimentos, não com sua inteligência. Isso dificulta a nossa comunicação com ela e não há, provavelmente, arte mais difícil que a de falar com as crianças...

JANUSZ KORCZAK¹

POR SEVERINO ANTÔNIO E KATIA TAVARES

De modo constelar, este texto traz sugestões para quem cuida de crianças. As sugestões, interligadas e interdependentes, conversam umas com as outras. Cada uma, de certo modo, contém as demais e está contida nelas, a partir de uma ideia matriz: a de que existe uma poética *natural* da infância, que precisa ser reconhecida, preservada e cultivada.

1. KORCZAK, Janusz. *Como Amar uma criança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, p. 304.

Uma educação poética das crianças, não apenas no sentido estrito de ler ou fazer poemas, mas fundamentalmente no sentido de pensar, sentir e expressar-se poeticamente. Viver poeticamente, como protagonista de sua infância, sendo criança, com sua descoberta do mundo e da linguagem, junto dos sentidos nascentes, com suas iluminações de afeto, de animismo, de empatia, com suas perguntas filosóficas e imagens poéticas, a recriar a vida, a recomeçar a história.

Um texto-tessitura, que se entretetece com outras vozes, com variações em torno do tema da educação poética da sensibilidade e da inteligência das crianças, a partir de duas necessidades vitais: a escuta e o diálogo.

Junto com a tese da poesia da infância, a concepção educativa que atravessa a tessitura de sugestões é a de que educar é formação humana, humanização. Formação que se desenvolve na convivência com outros sujeitos. Assim, a mais significativa dimensão dessa experiência educativa é o encontro humano, a interação humana, a convivência de ensinar e aprender, que é também criação e recriação de sentido.

A criança é sujeito humano em formação: precisa ser assim reconhecida e reconhecer-se, na convivência com os adultos e com as outras crianças. Sujeito entre sujeitos, o que pressupõe escuta e diálogo.

A etimologia, ao trazer sentidos primeiros das palavras, muitas vezes traz sabedorias esquecidas. Educar traz o sentido de cuidar, nutrir, cultivar, vindos do *educare*, assim como traz a ideia matriz de conduzir, vinda do *educere*, em duas acepções complementares: conduzir no sentido de trazer de dentro para fora, extrair, desenvolver potencialidades humanas, e também conduzir a criança na vida, na sociedade, na cultura.

É significativo recordar que ensinar vem de *ensignar*, trazer sinais, assinalar a vida da criança. Por outro lado, complementarmente, aprender deriva de apreender, incorporar – o que realmente aprendemos faz parte de nós, não nos será arrancado, não será esquecido. A etimologia também revela contradições, limites, desfigurações: infante é o que não tem voz, o que não pode ou não deve falar. Contrariamente a esse sentido, a infância tem voz, precisa falar e ser ouvida.

ANIMISMO EMPATIA

Para a criança pequena, tudo tem vida, tem voz, tem alma. Essa é uma das marcas constituintes do seu pensamento mitopoético, em que tudo fala, assim como se transforma em tudo. Uma varinha se transforma em um cavalo, uma ponte, um pássaro – e a criança conversa com todos eles. Essa atividade se desenvolve no brincar de fazer de conta que, juntamente com o fazer de novo, constitui duas matrizes universais da brincadeira infantil.

É imprescindível acolher esse pensamento animista da criança. Participar dele. Dois processos vitais do desenvolvimento humano estão presentes nessa atividade de personificação: a mimese e a empatia. Mimese é imitação criadora: a criança apreende o mundo imitando os seres de sua convivência. Ela imita os pais, os familiares e outros adultos, imita outras crianças, os professores, os bichos, as plantas.

O processo de animismo é fundamental para o pensamento simbólico, para as representações simbólicas com que a criança pensa, sente e expressa a imagem do mundo, que vai elaborando, juntamente com a elaboração da imagem de si mesma e dos outros. Reconhecer o pensamento mágico animista da criança é fundamental para fazer a escuta dessa criança, dialogar com ela, e assim educá-la de modo vivo, sensível e criador.

Outro processo vital do desenvolvimento humano é a empatia – o colocar-se no lugar do outro, sentir o que o outro sente, viver imaginariamente o que o outro vive. A criança é radicalmente empática. Ela alarga as margens de sua existência ao imaginar-se como o outro. Isso educa profundamente sua sensibilidade e sua inteligência.

Além dessa dimensão humanizadora, a empatia também assinala outra necessidade vital na educação das crianças: o reconhecimento de que a experiência afetiva é tão importante quanto a experiência cognitiva. O sentimento é tão importante quanto o raciocínio. Não deveríamos dissociar o sensitivo e o intelectual, fazer abismos entre o sentir e o pensar. A criança sente e pensa inseparavelmente.

Historicamente, no mundo moderno, foi feita a separação cada vez mais drástica entre o sensível e o racional. Para nós, trata-se agora de religar sensibilidade e inteligência. Essa é uma necessidade vital do nosso tempo, e ainda mais na educação das crianças.

O conceito, elaborado por generalização e abstração, não é a etapa final do conhecimento. O conhecimento é vivo, retorna sempre às coisas. O conceito de cachorro jamais substituirá os cachorros, a nossa convivência com eles. Não temos amor pela ideia de cachorro, não é ela que nos recebe em casa, não é com ela que brincamos, não é dela que sentimos saudades.

É preciso lembrar com Goethe e outros pensadores que as teorias e conceitos historicamente envelhecem, acinzentam-se e morrem, mas a árvore da vida sempre reverdece.

A criança pensa por imagens, por comparações, por metáforas. Descobre e estabelece semelhanças entre as coisas, desde os fenômenos da natureza às experiências da convivência com as outras crianças e os adultos. Essa é outra dimensão do pensamento mitopoético da infância: o mundo é constituído de semelhanças, analogias, correspondências. *Isso é como aquilo. Isso é aquilo.*

PENSAR POR IMAGENS

Ao elaborar sua imagem do mundo, a criança desenvolve metáforas que estão na raiz da criação poética e artística, assim como na raiz dos mitos e dos sonhos simbólicos. É significativo recolher essas imagens em um caderno de notas, um diário de travessias, preservar esses tesouros, guardá-los inclusive para a própria criança... Eles serão significativos na constituição de sua história, de sua identidade.

O pensar por imagens é modo fundamental de interpretar e dizer o mundo. Assim, muitas vezes a criança é reconhecida como um pequeno artista. De modo semelhante, ela pode ser considerada um pequeno filósofo, porque faz as perguntas que estão na origem da filosofia e das ciências.

Sem reconhecermos que a criança pensa por imagens, por sentimentos, de modo empático e animista, como educar a sua inteligência, a sua sensibilidade, a sua percepção do mundo, a sua imaginação?

PERGUNTAS HISTÓRIAS

A criança indaga o mundo. Questiona a vida, interroga a linguagem. Suas perguntas trazem questões fundamentais da origem da filosofia e do espírito científico: como nasceu o universo, o que é a vida e a morte, de onde vêm os nomes, como conhecer Deus, por que existem homem e mulher...

Precisamos cultivar a curiosidade, a admiração, o espanto da criança em relação ao mundo, aos outros e a si mesma. É imprescindível acolher as indagações infantis. Conversar sobre elas. Dialogar sobre suas respostas, sobre suas hipóteses. Responder o que é possível, na medida do entendimento das crianças, mas sem matar as novas indagações, que são fundamentais para a elaboração da imagem do mundo, para a descoberta e a atribuição de sentido.

Mais uma vez reiteramos a necessidade de educar a inteligência e a sensibilidade das crianças, sem dissociar essas duas dimensões vitais. A educação do intelectual e do sensível precisa de curiosidade e questionamentos. Sem desejo de saber, não há autoria – de ideias, de palavras, de conhecimento, de ação.

Perguntas nos convidam a pensar, a sentir, a viver. Sem elas, não há filosofia, não há artes, não há literatura, assim como a vida cotidiana fica desfigurada. Sem as indagações que nos movem, a existência queda muito aquém do que poderia e deveria ser, principalmente na educação das crianças.

Outra dimensão essencial da educação da infância é contar e recontar histórias, desde a gestação. Mais tarde, ler para a criança. Em seguida, ler com ela. Esses rituais assinalam a existência inteira. Somos feitos de variadas substâncias. Dentre elas, de modo singular, somos feitos de histórias, assim como somos feitos da mesma matéria de nossos sonhos, como escreveu Shakespeare.

As histórias trazem as perguntas, o pensar por imagens, a empatia, o animismo. Trazem o que foi e o que poderia ter sido, assim como o que pode vir a ser. Com as histórias, as crianças desenvolvem a capacidade de pensar outros mundos possíveis, o que significa aprender a elaborar a existência.

Assim, precisamos trazer as histórias clássicas, as que têm formado a humanidade. Precisamos, igualmente, trazer as nossas histórias mais queridas, as que nos formaram singularmente. E também trazer as histórias vividas na nossa própria infância: como brincávamos, quem eram os nossos companheiros, quais eram nossos sonhos...

Uma das experiências mais humanizadoras é esse ouvir e contar histórias, inseparável do brincar de fazer de conta e do fazer de novo, essas matrizes universais da infância.

NATUREZA

Outra questão fundamental para a educação da infância é o contato com a natureza. As crianças pequenas, inclusive, sentem-se parte da natureza. Aos poucos é que se vão diferenciando e desenvolvendo a percepção da sua identidade diferenciada. As crianças têm necessidade desse contato com a natureza. Tocar a terra, pisar em chão que não seja cimentado, conhecer árvores e plantas, conviver com bichos... Admirar-se com a vida inumerável, reconhecer-se como parte dessa vida da Terra.

Em nossa sociedade cada vez mais urbana, crianças têm sido afastadas do contato com a natureza. Não brincam ao ar livre. Estão cotidianamente confinadas a ambientes artificiais, entregues às telas trêmulas de celulares, tablets, televisores, de que se tornam cada vez mais dependentes.

Estamos desfigurando a infância. Depois de séculos de pedagogia moderna, temos novamente reduzido a criança a um adulto em miniatura, desta vez a um consumidor adulto. Esse é um dos grandes paradoxos do nosso tempo de paradoxos. De um lado, ampliamos muito nossa compreensão da infância, reconhecemos a criança como sujeito humano, reconhecemos os seus direitos universais, proclamamos sua prioridade. De outro lado, persistem crueldades, violências e explorações seculares, acrescidas de novas formas de desumanização.

Não se trata, evidentemente, de negar a urbanização nem a revolução científica e tecnológica. Trata-se de aprender a lidar com essa realidade, trata-se de humanizar a história, singularmente a da infância.

Brincar livremente, junto com outras crianças, em relação com a natureza, é uma experiência de aprendizagem e de felicidade insubstituíveis. Alimenta o sentimento da criança de estar viva, descobrindo e elaborando a vida.

O contato com a natureza é primordial para a infância, que tem uma capacidade espontânea de admiração, fonte de suas imagens poéticas e suas indagações filosóficas. As crianças se encantam com as cores do céu, as bolas de sabão, as pedras, as folhas, o olho de um inseto, as penas de uma ave, assim como com o vento, a água, os voos, as brincadeiras dos filhotes. Maravilham-se com a descoberta de muitos mundos dentro do mundo, de beleza extraordinária. Reconhecer e valorizar esse encantamento traz também um sentido ético, de reverência pela vida, em que estética e ética se conjugam inseparavelmente.

A capacidade de admiração, de espanto, de maravilhamento, espontânea na infância, pode ser reaprendida por nós, adultos, especialmente em nossa convivência com a sensibilidade e a imaginação das crianças, avivadas na relação direta com a natureza. Desse modo, experimentamos instantes de reencantamento do mundo, em que reencontramos a sabedoria de Heráclito: a morada do ser humano é o extraordinário.

POESIA CONSIDERAÇÕES DE PASSAGEM

Existe uma poesia singular da infância. A criança vê o mundo com olhos de primeira vez e nos chama a ver com olhos novos, com olhos livres. A criança revive a origem da linguagem: dar nomes, descobrir e atribuir significação, circular os signos como forma de vida. A criança está próxima dos sentidos nascentes. Como na criação poética, sentimentos, ideias, imagens e ritmos não estão dissociados.

É preciso preservar essa poesia da infância, acolhê-la, cultivá-la. Além da escuta e do diálogo, além do reconhecer e valorizar a descoberta do mundo e da linguagem, que a criança faz cotidianamente, outra sugestão: propiciar a convivência com poemas, assim como com músicas, pinturas, desenhos, esculturas. Assim, haverá ressonâncias e correspondências que ajudarão a educar a sensibilidade e a inteligência.

Também é necessário cultivar um campo de ressonâncias poéticas com aqueles que cuidam das crianças, nas escolas, assim como nas casas e nas comunidades. Em dias vertiginosos e dilacerados como os do nosso tempo, com perda de sentido em todos os campos, a poesia se revela ainda mais essencial, também na vida adulta.

Os encontros sobre a educação das crianças precisam eles mesmos serem formativos, para ajudar a desenvolver a educação da sensibilidade e da inteligência dos que cuidam da infância, dentro e fora das escolas.

As crianças recomeçam a humanidade. E nos chamam a recomeçar: com seu animismo, sua empatia, o seu pensar por imagens, suas perguntas, suas histórias, sua relação com a natureza e com a poesia. A convivência com as crianças também nos educa, também nos humaniza. Ela ajuda a nos libertar da insignificância, da indiferença, da crueldade. Desperta o desejo de respirarmos livremente. Uma pedagogia poética para as crianças pode contribuir de modo fecundo na consideração da criança como *prioridade absoluta*, atitude que tem potência de mudar a vida e transformar o mundo. ■



SEVERINO ANTÔNIO

Mestre e Doutor em Educação pela Unicamp. Há quarenta anos se dedica ao ensino de Redação e Leitura, Filosofia, Literatura, assim como à formação de educadores. É membro do Conselho Consultivo do Instituto Alana. É autor dos livros *Utopia da Palavra – Educação, linguagem, poesia* (Adonis, 2015) e *Constelações, uma escuta poética da infância* (Adonis, 2014), entre outros.



KATIA TAVARES

Mestre em Educação pela PUC-Campinas, professora, psicopedagoga, aconselhadora biográfica, com formação em Pedagogia Waldorf. Especialista em desenvolvimento cognitivo e avaliação da aprendizagem - Reuven Feuerstein. Ministra palestras sobre educação. Autora de *Uma pedagogia poética para as crianças* (Adonis, 2013), com Severino Antônio.

PEQUENOS GRANDES MUNDOS

Já havia algum tempo que o ilustrador argentino Iván Kerner, o Ivanke, vivia inquieto com sua vontade de fazer algo significativo na vida. Num dia, enquanto esperava o ônibus, foi invadido por uma chama luminosa que refletia as palavras “volta ao mundo com oficinas gratuitas para crianças”. Isso ocorreu em 2013 e, de lá pra cá, Ivanke e o projeto Pequenos Grandes Mundos já visitou 32 países para desenvolver oficinas de desenhos com mais de 2.500 crianças pela África, Ásia, Américas e Europa.

Nas experiências feitas em parceria com a professora e ilustradora Mey Clerici, Ivanke leva na bagagem pincéis, tintas e uma grande vontade de transformar a realidade das crianças, sempre respeitando suas culturas e suas formas de ver o mundo.

Ele convida meninos e meninas para desenharem um mural de sonhos e também sugere que cada criança crie um super-herói com características locais. No norte da Colômbia, onde a seca devastou as colheitas, um garoto criou um herói que abre o céu para trazer chuva para seu povo. Na Amazônia equatoriana, o ilustrador se emocionou ao ver a reação de crianças indígenas que desconheciam tinta assistirem à magia de pigmentos azuis e amarelos formarem o verde.

Ivanke também cria conexões entre as crianças que conhece. As crianças de Tóquio puderam conhecer os desenhos e os anseios das crianças da Argentina, por exemplo. Para ele, a arte é formativa. E as crianças, mesmo expostas a riscos sociais, quando estão pintando seus sonhos, são felizes. Em suas oficinas pelo mundo, costuma afirmar que as crianças precisam de confiança e oportunidade. E finaliza dizendo que nós, adultos, precisamos aprender com elas!



FOTOS SOFIA NICOLINI LLOSA/PEQUENOS GRANDES MUNDOS

Volta ao mundo

No site do projeto, é possível navegar pelo mundo a partir dos desenhos de crianças de diferentes continentes, ler relatos de encontros inusitados e também ver fotos que revelam um pouco da vida de meninos e meninas de muitos cantos. É um diário de bordo cheio de curiosidades e dicas inspiradoras.
www.pequenosgrandesmundos.org



COLEÇÃO DAS CRIANÇAS DAQUI

A arquiteta, designer gráfico e escritora Roberta Asse já observava uma infância livre e autônoma em suas viagens de turismo pelo interior do Brasil. Mas foi no Vale do Matutu, em Minas Gerais, onde colheu pinhão tantas vezes com a família para as fogueiras de São João, que ela notou semelhanças entre as infâncias.

Interessada pelo assunto e em busca de histórias que inspirassem seus futuros trabalhos literários, a pesquisadora buscou entender mais sobre universalidades e particularidades da infância, o que foi importante para que pensasse um método para ouvir as crianças – ou os “brasileirinhos”, como costuma dizer.

Nas andanças de Norte a Sul e de Leste a Oeste, enquanto o marido, Walter, se incumbia das fotografias, as filhas Clara e Helena teciam voluntariamente conexões com outras crianças por meio de brincadeiras. Já Roberta, apaixonada pelos sotaques e regionalismos, gravou áudios para reproduzir em livros a cultura dos saberes infantis ou, como ela própria diz, “histórias de pertencimento das crianças na formação de uma cultura”.

Em sua escuta diversa, Roberta conta que lançava, com poucas palavras, temas que impulsionavam diálogos entre as crianças. Assuntos como brinquedos e brincadeiras, escola e trabalho, além de cultura e geografia locais, renderam longas histórias. Para a escritora, a criança fala quando percebe que alguém ouve ou se interessa pelo assunto.

E ela não só ouviu como também aprendeu com as crianças como se colhe o campim dourado no Jalapão, no Tocantins, ou uvas no Vale dos Vinhedos, no Rio Grande do Sul. Nas ilhas fluviais de Abaetuba, no Pará, caçou ouriço com os meninos. E no Pantanal, enquanto fazia panelinhas com as meninas, ouviu histórias recheadas de imaginação na beira de um rio. Com tantas colheitas, Roberta tornou-se uma verdadeira “criadeira de histórias”.



ROBERTA ASSE/COLEÇÃO DAS CRIANÇAS DAQUI

De todos os cantos

Roberta Asse transformou sua escuta atenta na Coleção das Crianças Daqui, que reúne oito títulos. Numa delicada tessitura entre texto e imagem, conhecemos as peripécias de Pedro Pio, um ribeirinho, ou de Isabel, que habita as areias douradas do Jalapão, entre outras narrativas cheias de sotaque.

www.criadeira.com.br

